

A Escultura do Chiado: da Lisboa Romântica à Lisboa dos nossos dias

Cristina Azevedo Tavares

Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa

Acompanhando o tempo, o Chiado de hoje, não é seguramente o da minha infância. Alfacinha de gema, lembro-me dos Armazéns Eduardo Martins, nas quais em todos os Natais escarranchava o nariz contra a montra para ver bem os brinquedos e as decorações. Das inúmeras idas à Brasileira do Chiado com o meu pai, ao sábado e domingo de manhã, onde recordo bem o burburinho e o fumo, assim como as idas à casa de chá Caravela com a minha mãe, ao fim da tarde. Havia também a Ferrari, o Tatá e Rodrigues, e os Armazéns do Chiado, agora renovados por Siza Vieira, mas os tempos mudaram. E recordo as vendedoras de violetas quando era tempo delas, espalhando perfume pela Rua Garret.

É este Chiado que lembro com saudade e evoco diariamente a caminho da Faculdade de Belas-Artes olhando sempre para o Tejo com a Lisnave ao fundo, que se vê das ruas da Misericórdia e do Alecrim, e a nesga de água que vemos da Rua Serpa Pinto. Mas é também este Chiado renovado e modernizado que parece ter encontrado um novo fôlego que me encanta nos dias de hoje depois do terrível incêndio de 1988.

Não são as minhas vivências que vão alimentar este texto, pois é da escultura que vamos falar e sobretudo do modo como os monumentos e as estátuas conferem significado aos lugares, são construtores de significado, valorizando a identidade e a memória de um lugar: o Chiado.

Para maior rigor, devemos precisar que mais do que escultura, se trata em larga medida de estatuária a que cumpre um percurso que vai do Largo da Igreja da Misericórdia até ao Cais do Sodré fazendo alguns desvios: um para o

Largo do Camões, e outro para o Largo do Chiado, que logo à entrada oferece a presença de duas igrejas barrocas, a Igreja do Loreto logo à entrada, e mais em baixo no lado oposto a Igreja de Nossa Senhora da Encarnação, que no quarteirão seguinte mostra a Igreja dos Mártires.

A palavra escultura foi utilizada no título com um significado mais abrangente, apelando ao fazer e a peças que ultrapassam o registo da figura, pois podem entrar no território da alegoria e/ou implicar uma relação de maior proximidade com o transeunte. As três obras que vamos referir em último lugar e que são as mais recentes podem-se situar mais no âmbito da arte pública, quer pelas características que oferecem, e pela possibilidade real de maior interacção com o público.

No Chiado é ainda a Lisboa romântica que ecoa e o que predomina em termos de estatuária e é precisamente essa pontuação, primeiro com o Monumento a Camões (1860-67) onde se centra esse espírito, de 1860 também o Monumento do Duque da Terceira, e vivendo de um compromisso entre o romantismo e o naturalismo, logo no princípio do século passado, 1903 o Monumento a Eça de Queirós “Verdade”. “Ao Leme” (1913-15) e o “Poeta Chiado” (1925) assumem uma componente verista, sendo que a segunda se articula com a toponímia da cidade.

Duas outras obras distinguem-se das restantes pela sua proximidade com o transeunte no espaço público, referimos as obras “Cauteleiro” e “Fernando Pessoa” que evocam um tipo cidadão, e o poeta que morou ali perto em frente ao São Carlos – praça pontuada por uma escultura evocativa deste facto – e que era também um morador, assíduo da Brasileira do Chiado, frequentada por Almada, Santa Rita, Eduardo Viana, etc. Casa fundada em 1905 por Adriano Telles e que vendia café proveniente do Brasil. A Brasileira era então lugar de farras tertúlias e a primeira galeria de arte moderna portuguesa, renovando os seus artistas em 1972.

Ao fechar este circuito uma referência à segunda escultura dedicada a Pessoa inaugurada em 2005 na Praça do S. Carlos da autoria do escultor belga Jean-Michel Folon.

O primeiro monumento levantado nesta zona foi o Monumento a Camões situado na zona Sul da Praça do mesmo nome, com uma escala bem conseguida. Projectada por Victor Bastos (1830-1894) escultor romântico, este monumento cujo projecto é iniciado em 1859 sendo a primeira pedra lançada em

1862 só foi inaugurado a sete de Outubro de 1867. Numa época em que um romantismo tardio ainda era proclamado – evoquemos Garrett com o poema “Camões” publicado em 1825 – este monumento ao poeta da gesta nacional só foi possível no entanto através de uma subscrição pública.

No seu conjunto a altura do monumento é de 11,50 m, sendo que o pedestal mede 7,5 m. Sobre a base octogonal em cada vértice encontram-se oito personalidades do séc. XV e XVI trajadas à época: tratam-se das estátuas em pedra com 2,4 m retratando Fernão Lopes (cronista), Jerónimo Corte-Real (poeta e escritor), Fernão Lopes de Castanheda (cronista), Francisco Sá de Menezes (poeta), Gomes Eanes de Zurara (cronista), Vasco Mouzinho de Quevedo (poeta épico e lírico), João de Barros (cronista) com excepção para Pedro Nunes, cientista de vulto, matemático, cosmógrafo e professor na Universidade de Coimbra.

No topo isolado encontra-se a estátua em bronze de Camões com 4 m de altura dominando a praça, a perna esquerda avançada e uma atitude destemida. Camões tem a espada segura na mão direita apoiando a ponta da lâmina no chão, e aos seus pés estão uma couraça e alguns livros, evocando a sua condição de poeta militar. Na cabeça uma coroa de louros reafirma a sua condição de herói nacional que se sacrificou pela pátria, e a mão esquerda junto ao peito segura os “Lusíadas”.

Com este monumento Victor Bastos consagra-se uma vez mais como escultor do romantismo. Discípulo da Academia de Belas-Artes cursando pintura com alguma formação em escultura, vindo por concurso a ocupar o lugar de professor substituto de escultura (1860), Victor Bastos retratado por Cristino da Silva nos “Cinco Artistas em Sintra”, manifesto visual do romantismo, dá curso à sua veia romântica iniciada com o baixo-relevo “Cólera Morbus” (1856) com este monumento a Camões. Autor de vários baixos-relevos e estátuas a ele se devem algumas das mais interessantes e românticas esculturas do Arco da Rua Augusta traçado por Calmels.

O monumento ao Duque da Terceira (1860) inaugurado em 1877 e situado na Praça Duque da Terceira é da autoria do escultor Simões de Almeida (Tio) (1844-1926) e do arquitecto António Gaspar (1842-1909).

Representa o fidalgo António José de Sousa Manuel Menezes Severim de Noronha que nasceu em Lisboa em 1792 e faleceu em 1860. Fidalgo, e militar desde menino. 7.º Conde e 1.º Marquês de Vila Flor foi ele o herói liberal, que recebeu o título de Duque da Terceira por ter combatido os absolutistas na

Ilha Terceira com sucesso ao comandar uma revolta da resistência, e por essa razão não ter querido aceitar o título, na sequência de uma notável carreira de feitos militares nomeadamente na Guerra Peninsular assim como no desempenho de cargos diplomáticos.

O monumento ficou concluído em 1875, mas a inauguração deu-se dois anos depois pelas comemorações do 44.º aniversário do desembarque do Duque da Terceira em Lisboa à frente das forças liberais libertando a capital do domínio miguelista, desembarque que ocorreu em 24 de Julho de 1833.

Trata-se de um conjunto escultórico de 9 m de altura com o plinto em pedra e a estátua em bronze com cerca de 3,30 m de altura.

O duque está trajado com o grande uniforme (jaqueta com condecorações), com a espada embainhada e o chapéu recolhido na mão esquerda, todo o vestuário é descrito com pormenor, e o rosto tem uma expressão determinada, mostrando uma atitude de comando.

A estátua domina bem a praça, e é sóbria. O plinto é prismático rematando junto ao chão com um friso saliente e no topo com um duplo friso relevado. No pedestal foi colocada em bronze uma folha de palmeira e no topo do plinto o brasão de armas ladeado por ramos de oliveira.

Este monumento é o primeiro de uma série de monumentos levantados em Lisboa aos heróis do liberalismo. É igualmente o mais simples, pois os restantes, como o Duque de Saldanha a título de exemplo possuem motivos alegóricos.

Simões de Almeida (Tio) (1844-1926) formado na Academia de Belas-Artes de Lisboa, discípulo de Assis Rodrigues e Victor Bastos, depois bolseiro em Itália adquiriu uma sólida formação clássica, mais aberta aos valores naturalistas, nos retratos e outras esculturas de tema livre, indo mesmo ao encontro de assuntos românticos. Considerado um escultor dentro do academismo (foi aliás professor de desenho e de escultura na Academia, depois Escola de Belas-Artes durante 31 anos) a sua sólida formação clássica adquirida em Portugal e depois no estrangeiro, permitiu-lhe abordar de forma exímia do ponto de vista da tradição técnica, a escultura pública, como acontece com este monumento ao Duque da Terceira.

Subindo a caminho do Chiado pela rua do Alecrim e parando no Largo Barão Quintela (entre a Rua do Alecrim e a Rua das Flores onde decorre precisamente “A Tragédia da Rua das Flores” encontramos-nos perante o monumento

de homenagem ao escritor Eça de Queirós (1845-1900) intitulado “Verdade” da autoria de António Teixeira Lopes inaugurado em 1903.

Inspirando-se na frase de Eça “Sobre a nudez forte da verdade, o manto diáfano da fantasia”, o escultor concebeu esta peça retratando de pé Eça de Queirós, e sobre um manto “diáfano” que o escritor abre, segurando ao de leve os braços surge a figura simbolizando a verdade, um nu feminino de braços abertos, olhando para cima e cruzando o seu olhar com o rosto de Eça de Queirós, entregando-se totalmente ao escritor. Crescendo a escultura a partir da base, espécie de rocha, é progressivamente que esta vai ganhando contorno definindo as suas linhas.

Tratando-se do segundo monumento erigido em Lisboa dedicado a um escritor, o primeiro foi dedicado a Camões, este conjunto escultórico rompe com a tradição dos monumentos públicos por não ter a imponência costumeira e expressar uma enorme delicadeza, encontrando-se igualmente muito perto dos transeuntes, dado que a base é relativamente baixa, e muito embora colocada num pequeno ajardinamento com cerca, não impediu que fosse violentada várias vezes, tendo a edilidade substituído a escultura original em mármore de lioz por uma réplica em bronze (2001), o que naturalmente veio alterar a qualidade expressiva inicial.

Eça de Queirós figura excepcional da nossa literatura, introdutor do romance realista, interventor nas “Conferências do Casino”, autor dos *Maias* e da *Cidade e as Serras*, entre outras obras, diplomata, foi mais uma vez homenageado em Lisboa em 1969 com a inauguração de uma estátua de Álvaro de Breá, junto ao edifício da Biblioteca Nacional.

Quanto a Teixeira Lopes (1866-1942) filho do escultor José Joaquim Teixeira Lopes com quem se iniciou nas artes, a sua formação fez-se nas Belas-Artes do Porto onde foi aluno de Marques de Oliveira em desenho e Soares dos Reis em escultura, e depois em Paris onde foi aluno de Cavalier. A obra de Teixeira Lopes traça ao longo dos anos a passagem do romantismo ao naturalismo, onde a inspiração pelos clássicos também se manifesta. Esculturas como “Caim” (1889) “Viúva” (1890). “A História” (1898), monumento fúnebre a Oliveira Martins, vão pontuando uma carreira de sucesso internacional e nacional, que também se afirmou na docência na academia portuense de 1901 em diante. Esta obra alegórica “Verdade” que inclui o retrato de Eça de Queirós, revela uma vocação intimista e o domínio exemplar de valores

expressivos que identificam a originalidade deste escultor nascido em Vila Nova de Gaia.

Situado no Jardim Roque Gameiro ao Cais do Sodré encontra-se uma escultura de Francisco Santos (1878-1930) intitulada “Ao leme” (1913-15) aproveitando-se o aterro feito nessa altura. Homenagem singela à vida de marinheiro, e em particular ao homem do leme, na proximidade de águas que outrora invadiam o Cais do Sodré, praia que foi durante muito tempo a entrada principal em Lisboa. Também se liga à toponímia do lugar desde o séc.XIV associado a “remulare”, depois remar no séc.XIX.

“Ao leme” é uma escultura realista, em pedra mostrando a três quartos o corpo inclinado e em esforço do homem do leme que baixa a cana do leme para virar a bombordo. A figura descalça e de tronco nu, com um chapéu de marinheiro recorta-se contra a popa do barco, em corte sob um plinto elevado.

Com pouca visibilidade no lugar em que se encontra, coberta por ramagens e refúgio e poleiro dos pombos, esta escultura representa um momento interessante da obra de Francisco Santos, responsável pelo Monumento a Marquês de Pombal, em concurso ganho em 1914, mas inaugurado em 1930.

Tendo feito os estudos iniciais na Casa Pia, Francisco Santos entrou na Academia de Belas-Artes de Lisboa em escultura onde foi discípulo do escultor José Simões de Almeida, e depois na Escola de Belas Artes em Paris, estudando também em Roma. Presença assídua nos salões da Primavera da Sociedade Nacional de Belas-Artes, onde foi presidente (1921) com uma obra prolixa de feição naturalista, também da sua autoria saiu o busto oficial da república em 1911.

Do ponto de vista cronológico, e não tendo como objectivo uma economia do percurso, caminhamos agora no sentido do Largo do Chiado ao encontro da estátua do poeta do mesmo nome.

Datada de 1925 e inaugurada em Dezembro desse ano, “Chiado” é da autoria de Costa Mota (Tio) e retrata o poeta António Ribeiro mais conhecido por “Chiado”. Esta escultura veio ocupar o espaço vazio deixado pela demolição nos anos oitenta do séc.XIX do grande chafariz do Loreto onde ressaltava o Neptuno de Machado de Castro que desde 1951 se encontra implantado na fonte da Estefânia.

Encimando um plinto em paralelepípedo de estilo clássico em pedra lioz, projectado pelo arquitecto Alexandre Soares (1873-1930) que já tinha colaborado

com Costa Mota (Tio) no Palácio do Buçaco, encontra-se a estátua do poeta Chiado modelada em bronze. O poeta está sentado numa banquetta e estende a mão direita para a frente num gesto largo, pendendo a cabeça ligeiramente. O braço oposto e mão caem sobre o colo. O rosto expressivo retém um momento em que o poeta conta ou fala ao público. Está vestido com as vestes clericais, pois embora tenha abandonado a ordem dos franciscanos a que pertencia, segundo a tradição não teria abandonado o hábito.

Nascido em Évora e trocando-a por Lisboa, melhor ainda pela rua Almeida Garrett, onde morava, o poeta Chiado contemporâneo de Camões (morre em 1591) era popular na época, pois além de improvisador, consta que era ventríloquo. Deixou algumas obras escritas de índole religiosa.

Costa Mota (Tio) (1862- 1930) foi aluno da Escola de Belas Artes de Lisboa e foi discípulo de Victor Bastos e Simões de Almeida. Ainda estudante realizou inúmeros bustos que continuará pela vida fora como o de "Malhoa", 1927. Foi um escultor assíduo nos Salões da Primavera na S.N.B.A. e seu presidente em 1912, 1915 e 1917. Vivendo das encomendas, pois foi preterido em concurso para professor, Costa Mota (Tio) foi o primeiro escultor a viver integralmente do seu trabalho. Produziu muita escultura pública ("O Cavador", 1911, Jardim da Estrela;" Maria da Fonte", 1920, Jardim da Parada) e monumentos (Afonso de Albuquerque, 1893, Belém; Dr. Sousa Martins, 1903, Campo Santana; Eduardo Coelho, 1904, S. Pedro de Alcântara; "Alegoria à Jurisprudência" para a Assembleia da República, 1916) num estilo versátil e de pendor naturalista ("Bernardim", 1911) que correspondia bem ao gosto da época.

Saindo do Chiado e subindo a Rua da Misericórdia vamos ao encontro d' "O Cauteleiro" de Fernanda Assis (1943), estátua inaugurada em 1987, por iniciativa da Santa Casa da Misericórdia no Largo Trindade Coelho, recentemente transformado em espaço pedonal. Trata-se de uma estátua em bronze com patines diferentes, a altura de 1,78 m, assente directamente na calçada. Retrata realisticamente um cauteleiro a apregoar e a vender cautelas cujo pregão anunciaria "Olha a taluda! Amanhã anda à roda", uma figura popular da cidade de Lisboa.

Sendo um tipo de escultura comum ao espaço europeu e que se refere a figuras típicas dos lugares, este cauteleiro aparece retratado com os elementos característicos da sua arte: o boné com a chapa de identificação, as cautelas na mão direita, e o cigarro ao canto da boca. Com a pele curtida e com alguma

idade, este cauteleiro evoca uma Lisboa que tende a desaparecer. Fernanda Assis terá contactado vários cauteleiros para captar o tipo necessário para a realização desta escultura, daí a evidenciação da sua popularidade. Cantado no fado e evocado na poesia vêm a propósito uns versos de Fernanda de Castro, "O Cauteleiro é velho mas que importa? Continua a apregoar cautelas brancas e a vender ilusões de porta em porta" ("Poesia" (1919 a 1969), Lisboa, 2 volumes)

Descemos uma vez mais, e precisamente à porta da "Brasileira" no Largo do Chiado encontramos no espaço pedonal uma estátua em bronze evocativa de Fernando Pessoa da autoria de António Lagoa Henriques (1923-2009) inaugurada em 1988.

Trata-se de uma escultura que transporta a intimidade do interior do café para a rua, pois Fernando Pessoa tem uma expressão coloquial e está sentado a uma mesa da "Brasileira" havendo do lado oposto uma cadeira vazia. Este conjunto escultórico bem sintetizado, valendo-se de algum hieratismo é certamente o mais concorrido do Chiado, sobretudo para os turistas que se vão sentando ininterruptamente na cadeira para serem fotografados, polindo o bronze, outrora uniforme, desenvolve-se numa linhagem de escritores e poetas que Lagoa Henriques retratou neste caso na proximidade estilística com o poeta-cauteleiro António Aleixo em Loulé, também sentado à mesa em frente ao Bar "Calcinha" que frequentava com regularidade.

Lagoa Henriques, rompendo com a concepção tradicional da escultura/monumento, traz Fernando Pessoa para a rua, tornando-o popular e presença vivida no quotidiano. A simplificação da figura, que pode ser talvez o lado menos interessante, ganha com esta afectividade permanente e transforma de facto a estátua em escultura pública.

Lagoa Henriques que se formou em escultura na Escola de Belas-Artes do Porto, professor nas Belas-Artes do Porto e depois em Lisboa, comunicador notável (programas de televisão e filmes), foi em grande parte responsável pela modernização do ensino do desenho nas escolas por onde passou. A sua escultura se por um lado era vinculada a valores classicistas, soube-se renovar no excelente ensino de Barata Feyo, escultor modernista e seu professor e na sua opção singular por valores contemporâneos. O talento de Lagoa Henriques aliado à sua versatilidade enquanto desenhador permitiu-lhe abraçar vários temas como as varinas, a escultura de busto (retrato de Eunice

Munõz) ou a escultura pública (“Monumento a Antero de Quental”, Jardim do Príncipe Real) inovando um programa iconográfico como ocorreu com Fernando Pessoa.

Prossigamos agora descendo um pouco o Chiado, virando na rua Serpa Pinto, do lado esquerdo temos o Largo de S. Carlos.

A segunda homenagem a Fernando Pessoa ocorreu já na década de 2000. Uma grande escultura em bronze patinado de 4 m de altura foi colocada na praça de traçado neoclássico do Teatro S. Carlos. O autor é Jean-Michel Folon, pintor e escultor belga que realizou em Lisboa uma exposição de escultura ao ar-livre na Baixa. Entre as diferentes peças encontrava-se “Homage a Pessoa” (2001) que depois haveria de ser comprada pela Câmara Municipal de Lisboa. Guardada num armazém de Figo Maduro, esta escultura seria trazida para a Praça, nas comemorações dos cento e vinte anos do nascimento do poeta. Este nasceu no número 4, no 4º andar do Largo de S. Carlos em 1888, sendo os 4 m da altura da peça evocativos do número 4.

Jean-Michell Follon (1934-2005) realizou uma obra vasta em domínios diferentes para além dos referidos anteriormente, distinguindo-se como ilustrador a partir da década de 60, assim como na tapeçaria, gravura, cenografia, vitral, animação e design (genérico da TV: Fin Antenne 2 e selos). Foi também actor de cinema e activista da Amnistia Internacional. A simplificação das figuras que se evidenciaram nas aguarelas (criticada por muitos) e a criação da figura humana estilizada em vastas paisagens ou cidades permitiu-lhe repensar a relação do homem com o mundo de um ponto vista crítico que também trabalha na escultura.

“Tributo a Pessoa” é uma escultura de linhas simples e geometrizadas com um corpo hierático sem cabeça, normalmente coberta por um chapéu na representação normal de Folon, e que aqui é substituída por um livro que se intitula Pessoa. Não é uma escultura de encomenda, ao contrário das restantes, mas uma homenagem que Jean-Michel Folon concretizou, talvez na ligação forte que enquanto ilustrador manteve com o universo poético de vários autores, ilustrando Lewis Carrol e Kafka entre outros, ou evocando na escultura a grandeza de Fernando Pessoa.

BIBLIOGRAFIA

- AAVV (José Fernandes Pereira, dir.), *Dicionário de Escultura Portuguesa*, Editorial Caminho, SA, Lisboa, 2005.
- Ferreira, R. Laborde, Vieira, V. M.Lopes, *Estatuária de Lisboa*, Tranquilidade Seguros, ed., Lisboa 1985.
- França, José-Augusto, *A Arte em Portugal no séc.XIX*, ed. Revista, corrigida e ampliada, Bertrand, Lisboa, 1981, 2 vols.
- Tavares, Cristina Azevedo, *A Sociedade Nacional de Belas-Artes/Um Século de História e de Arte*, Ed. Projecto, Núcleo de Desenvolvimento Cultural de Vila Nova de Cerveira Fundação Bienal Nova de Cerveira, Vila Franca de Xira, 2006.

NETGRAFIA

www.guiadacidade.pt

www.lisboapatrimoniocultural.pt

<http://revelarx.cm-lisboa.pt>